

QUE CARTOGRAFIAS NÓS, GEÓGRAFAS(OS), ESTAMOS (RE)PRODUZINDO?

WHAT CARTOGRAPHIES ARE WE, GEOGRAPHERS, (RE)PRODUCING?

¿QUÉ CARTOGRAFIAS NOSOTRAS(OS), GEÓGRAFAS(OS), ESTAMOS (RE)PRODUCIENDO?

Carla Pizzuti Savian

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, carla.pizzuti@acad.ufsm.br

Natália Lampert Batista

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil, natalia.batista@ufsm.br

Resumo: Os mapas se transformam juntamente com a sociedade. As formas e os processos de mapeamento são mutáveis e permitem compreender o mundo a partir do olhar da sociedade que mapeia. Este texto propõe uma reflexão teórica sobre as Cartografias, a partir do contato com produções cartográficas realizadas por artistas, coletivos, ativistas e crianças, que descentram o olhar das Cartografias hegemônicas e passam a olhar, representar e significar por outros ângulos, propondo pensar: como o mapa vive e se transforma na contemporaneidade? Considerando o mapeamento como prática social, política e expressiva, discutimos como essas produções tensionam a Cartografia hegemônica na Geografia. Com base na Cartografia Crítica, as reflexões aqui apresentadas partem das atividades do Laboratório de Ensino e Pesquisas em Geografia e Humanidades, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e buscam refletir sobre a(s) Cartografia(s) na ciência geográfica. Não se trata de hierarquizar e conceitualizar mapas, mas de ampliar o debate teórico e o entendimento de como os mapeamentos contam fragmentos da realidade do espaço geográfico apresentados pelos olhos de quem mapeia. Para isso, apresentamos quatro Cartografias que nos provocaram reflexões e demonstraram o potencial expressivo dos mapas. Conclui-se que os mapas, hoje, precisam extrapolar os limites do hegemônico e trazer à superfície outras Cartografias e outras significações do e para o mundo.

Palavras-chave: cartografia crítica; geografias; mapeamento.

Abstract: Maps change along with society. The forms and processes of mapping are mutable and allow us to understand the world from the perspective of the society that maps it. This text proposes a theoretical reflection on Cartographies, based on cartographic productions created by artists, collectives, activists, and children, which decenter the perspective from hegemonic Cartographies and begin to represent and signify from other angles. They invite us to consider: how does the map live and transform in contemporaneity? Considering mapping as a social, political, and expressive practice, we discuss how these productions challenge hegemonic Cartography in Geography. Based on Critical Cartography, the reflections presented here stem from the activities of Laboratory of Teaching and Research in Geography and Humanities at the Federal University of Santa Maria (UFSM) and seek to reflect on Cartography(ies) within geographical science. This is not about hierarchizing or conceptualizing maps, but about broadening the theoretical debate and the understanding of how mappings convey fragments of geographical reality through the eyes of those who map. To this end, we present four Cartographies that have provoked reflections and demonstrated the expressive potential of maps. It is concluded that, today, maps need to go beyond the limits of the hegemonic bringing to the surface other Cartographies and other meanings of and for the world.

Keywords: critical cartography; geographies; mapping.

Resumen: Los mapas se transforman junto con la sociedad. Las formas y los procesos de mapeo son mutables y permiten comprender el mundo a partir de la mirada de la sociedad que cartografía. Este texto propone una reflexión teórica sobre las Cartografías, a partir del contacto con producciones cartográficas realizadas por artistas, colectivos, activistas y niños, que descentran la mirada de las Cartografías topológicas y pasan a representar y significar desde otros ángulos, proponiendo pensar: ¿cómo el mapa vive y se transforma en la contemporaneidad? Considerando el mapeo como práctica social, política y expresiva, discutimos cómo estas producciones tensionan la Cartografía hegémónica en la Geografía. Con base en la Cartografía Crítica, las reflexiones aquí presentadas se originan en las actividades del Laboratorio de Enseñanza e Investigaciones en Geografía y Humanidades de la Universidad Federal de Santa María (UFSM) y buscan reflexionar sobre la(s) Cartografía(s) en la ciencia geográfica. No se trata de jerarquizar ni de conceptualizar mapas, sino de ampliar el debate teórico y la comprensión de cómo los mapeos narran fragmentos de la realidad del espacio geográfico a partir de los ojos de quien cartografía. Para ello, presentamos cuatro Cartografías que nos provocaron reflexiones y evidenciaron el potencial expresivo de los mapas. Se concluye que los mapas, hoy, necesitan extrapolar los límites de lo hegémónico, y traer a la superficie otras Cartografías y otras significaciones del y para el mundo.

Palabras clave: cartografía crítica; geografías; mapeos.

Introdução

A Cartografia, enquanto linguagem, tem sido mobilizada por diferentes grupos para reivindicações de direitos, como ferramentas de denúncia, de registro de memórias ou de resistência (Iconoclasistas, 2019, 2020). Representar em mapas passa a ser uma forma de significar o mundo e (de)codificar histórias e narrativas a partir dos olhares dos mapeadores e dos atravessamentos socioespaciais de suas vivências. Mapas artísticos, digitais e de ativistas emergem nesse contexto. É fato que para construir mapas interessantes, não se precisa mais, necessariamente, de um diploma em uma área específica, pois o mapeamento, na contemporaneidade, é popularizado.

Essa universalização e democratização da linguagem cartográfica, como dispositivo de narrativa do cotidiano ou como metáfora da (re)significação espacial, possibilita compreender que, cada vez mais, outras áreas do conhecimento e práticas sociais cotidianas utilizam a Geografia como suporte e dispositivo de compartilhamento de conhecimentos multidisciplinares e articulados com a vida em si (Laudares, 2014; Lois, 2015). Pensar nesse viés nos conduz a ver os mapas e os mapeamentos com outro olhar, superando as suas definições clássicas e delimitações formais do que são e como *devem* ser realizados.

O texto “Cartografia está morta. Graças a Deus!” (Wood, 2003), abordou esse fato há mais de 20 anos. Atualmente, plataformas como *Google My Maps* e *OpenStreetMap* são amplamente utilizadas não apenas por profissionais da Cartografia, mas por diversos usuários da internet. Além disso, o mapeamento construído de modo coletivo vem sendo utilizado por ativistas e por artistas nos seus convites a reflexões e mobilizações (Iconoclasistas, s/d). Essa ampliação das práticas de mapeamento transformou o papel da Cartografia na sociedade contemporânea (Habowski, 2024; Savian, 2025a; Petsch; Delevati; Batista, 2025).

O campo da Cartografia Crítica nos oferece fundamentações importantes para as reflexões que estamos propondo, o que perpassa por reconhecer que os mapas são também produtos culturais, carregados de intencionalidades, ideologias e são resultados de relações de poder (Harley, 1989). Nesse sentido, o mapeamento deixa de ser simplesmente uma prática técnica ou meramente comunicacional e passa a ser reconhecido como uma prática social, política e capaz de expressar relações. Esse novo olhar para a Cartografia faz o processo de mapear tornar-se relevante, pois “[...] a cartografia na contemporaneidade é constituída por múltiplos modos que se sobrepõem, o que significa que existem várias relações sociais, tecnológicas e culturais determinando diferentes práticas de mapeamento que se comunicam entre si” (Canto, 2014, p. 23).

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

Para Harley (1989, p. 3), os mapas são “[...] uma maneira humana particular [...] de olhar para o mundo” (tradução nossa). Isso significa que os mapas não são representações neutras da realidade, mas construções influenciadas pelas visões de mundo de quem os produz e codificadas pelas habilidades interpretativas de quem os lê. Assim, quando um mapa é construído por quem vive no espaço mapeado, expressa as formas de apropriação e interpretação desenvolvidas a partir dessa vivência, isto é, uma narrativa, um discurso.

Canto (2014, p. 19) destaca que “[...] grande parte das narrativas modernas sobre a natureza do mapa e sua história situa os acontecimentos cartográficos no tempo como um apanhado de fatos dispostos linear e sequencialmente, passíveis de serem analisados de maneira recursiva”. Todavia, quando ampliamos o olhar para além das dimensões eurocentradas, entendemos que as práticas cartográficas se transformam temporal e espacialmente, de acordo com as especificidades culturais de cada sociedade. Os mapas descritos na coleção de Brown (2018a, 2018b, 2018c, 2018d, 2018e, 2018f, 2018g, 2018h, 2018i, 2018j) evidenciam essa perspectiva.

Nesse cenário, o contato com produções cartográficas que vêm sendo construídas fora da Geografia Acadêmica foi importante para que voltássemos a atenção para uma reflexão sobre que Cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo. Essa indagação é o ponto de partida para as reflexões apresentadas neste texto. A proposta não é entrar na discussão de quais mapas ou mapeamentos são corretos, mas sim abordar a necessidade de ampliação das discussões teóricas da Cartografia no contexto da Geografia. Geógrafas e Geógrafos já vêm fazendo isso (Girardi, 2003; Seemann, 2003) e o que pretendemos é colaborar com essas reflexões.

A Cartografia, tanto escolar quanto acadêmica, parece estar sendo reduzida à reprodução das convenções cartográficas hegemônicas¹. Assim, a reflexão sobre a prática fica em segundo plano ou inexiste. É, inclusive, esse lugar que a Cartografia tem ocupado nos currículos de formação em Geografia no Brasil (Girardi, 2014): o lugar da reproducibilidade técnica e das aplicações de rotinas prontas. Nesse cenário, o artigo tem como objetivo refletir teoricamente sobre as Cartografias no contexto da Geografia, a partir do contato com mapas produzidos por artistas, coletivos, ativistas e crianças, os quais, de alguma forma, descentram

4

¹ A Cartografia hegemônica pode ser entendida, no contexto que destacamos no artigo, como o modo de fazer mapas que acabou virando o padrão ao longo do tempo, isto é, pautado nas noções euclidianas do espaço. Esse modelo, que se pretende neutro e técnico, mesmo não sendo, expressa a visão dos grupos que tiveram poder para decidir o que conta como um “mapa correto”.

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

o olhar das Cartografias hegemônicas. Isso envolve considerar representações de aspectos da realidade que não costumam ser valorizados nas representações cartográficas convencionais.

Girardi (2021) apresenta uma organização de Cartografias com base em seus diversos adjetivos (temática, escolar, militar, participativa, comunitária, crítica entre outros). A autora comenta que existem Cartografias com ênfase no conteúdo ou nos vínculos institucionais (temática, por exemplo) e outras com ênfase nos sujeitos e processos políticos (participativa, por exemplo) (Girardi, 2025)². Quando falamos de Cartografia não hegemônica ou outras Cartografias, estamos abordando essas que se preocupam com assuntos de interesse dos sujeitos e das comunidades mapeadas.

Ao abordarmos esse assunto, retomamos a nossa posição enquanto pesquisadoras que têm entusiasmo com as Cartografias e que reconhecem a importância das diferentes Cartografias e suas funções para distintos objetivos (Savian, 2025a). Girardi (2014), com base em Salichtchev (1983), aborda as diferentes funções dos mapas: comunicativa, operativa e cognitiva. A função comunicativa está muito atrelada à Cartografia Temática e à ideia de comunicar por meio dos símbolos, por exemplo. A função operativa envolve a resolução de problemas práticos ou a aplicação para o planejamento. Por outro lado, a função cognitiva remete aos mapas e às Cartografias como construção de conhecimentos.

Em seu texto, Girardi (2014) aponta que existe, pelo menos, mais uma função dos mapas: a expressiva. Aqui a autora remete aos mapeamentos produzidos, principalmente, fora da Geografia acadêmica. São os mapas-arte, por exemplo. Nesse cerne, o que questionamos é a resistência à experimentação de outras formas de pensar os mapas, para além de apenas suas funções comunicativas e operativas, que são predominantes (Girardi, 2014). Ademais, questionamos a associação da técnica ou da tecnologia à neutralidade.

Lois (2015) argumenta que os mapas ultrapassam a técnica, sendo instrumento cognitivo e cultural, com potencial simbólico e expressivo. A autora aponta que as imagens cartográficas vão além de uma representação literal, apresentando um modo de ver o mundo, uma estrutura de pensamento. Como exemplo comum, podemos citar os mapas mentais. Isto é, “[...] *el mapa es un dispositivo visivo en tanto sirve para ver, para visualizar, para representarse mediante imágenes ópticas fenómenos de otro carácter, para imaginarse con rasgos visibles algo que no se tiene a la vista*” (Lois, 2015, p. 6)³, ou seja, a autora defende que o mapa é uma representação

² Palestra no Fórum de Ensino e Pesquisas em Geografia e Humanidades.

³ “[...] o mapa é um dispositivo visual, na medida em que serve para ver, para visualizar, para representar, por meio de imagens ópticas, fenômenos de outra natureza, para imaginar algo que não se tem à vista” (tradução nossa).

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

gráfica que favorece a compreensão espacial de objetos, de conceitos, de condições, de processos ou de eventos.

Diante do exposto, o texto tem caráter qualitativo e exploratório e é desenvolvido a partir da discussão de mapas que dialogam com a função expressiva, para além das funções comunicativas e operativas. Também são mapas que apresentam as perspectivas dos(as) sujeitos que vivem no espaço mapeado e são os(as) mapeadores(as). Selecionamos três mapas - Quadros 1, 2 e 3 - que, de diferentes formas, provocaram (auto)questionamentos sobre nossas próprias práticas de mapeamento, impulsionando reflexões sobre as Cartografias que temos produzido no contexto da Geografia. Por fim, apresentamos um mapeamento - Quadro 4 - realizado de forma coletiva e com nossa participação no contexto do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Esses mapas nos convidam às indagações que envolvem teoria e prática. Que Cartografia fazemos na Geografia? Que concepção de espaço mobilizamos nos mapas que fazemos? Diante dessas indagações, o presente texto está dividido em dois momentos, para além da introdução e das considerações finais. Na seção posterior, intitulada “Por Outra Cartografia, Por Outro Espaço”, trazemos a concepção de espaço de Massey (2004, 2008) para dialogar com outras possibilidades cartográficas. A partir disso, apresentamos a seção “Práticas que nos mobilizam à reflexão”, onde expomos quatro Quadros (Gomes, 2017) de reflexões sobre a prática cartográfica. Metodologicamente, os Quadros selecionados foram descritos e interpretados à luz das discussões teóricas “suleadoras” do texto.

6

Por outra cartografia, por outro espaço

Importa o modo como pensamos o espaço (Massey, 2008, p. 15).

Franco (2019) nos “abre os olhos” para como, epistemologicamente, existem aspectos que delimitam o entendimento de espaço às noções de objetividade e fixidez. O mesmo que acontece com a Cartografia. Ela aponta que “[...] especificamente, a concepção de espaço associada ao projeto moderno produziu certas ordenações simbólicas do espaço que persistem até os dias de hoje, principalmente em relação à construção de mapas e processos de mapeamento” (Franco, 2019, p. 31).

Essas noções de espaço compõem a Cartografia moderna e para pensar outras Cartografias é necessário entender o espaço também por outro viés. Para Massey (2008), o espaço é uma eventualidade. Isso quer dizer que não é dado *a priori*, mas produzido. A autora está falando de uma produção pelas inter-relações entre pessoas, lugares, objetos, discursos...

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

O espaço é uma eventualidade porque existe uma composição de diferentes relações que o produzem. Se as relações são alteradas, o espaço também é modificado.

As discussões sobre espaço apontam que para compreendê-lo como relativo e relacional (Harley, 2013), vivido, percebido e concebido (Lefebvre, 2006) ou relacional e aberto (Massey, 2008), é preciso retomar a dimensão do tempo - que foi separada da concepção de espaço (Foucault, 2009). Fazendo isso, Massey consegue pensar o espaço como uma multiplicidade de tempos, onde coexistem trajetórias - a coetaneidade. É evidente que a temporalidade é importante na forma de entender o espaço dessa autora.

Tanto no livro “Pelo Espaço: por uma política da espacialidade” (2008), quanto em artigo anterior, intitulado “Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações” (2004), Massey aponta três principais proposições sobre seu entendimento de espaço:

(1) O espaço é produto de inter-relações. Já nessa primeira proposição a autora questiona um entendimento comum à geografia que é o binarismo local-global. Essas inter-relações são constituídas "desde a imensidão do global até o intimamente pequeno" (Massey; Keynes, 2004, p. 8).

(2) O espaço é a esfera da possibilidade da multiplicidade. Isto é, se o espaço é resultado de inter-relações, precisa haver múltiplos fatores, atores, objetos... 7

(3) O espaço está sempre em devir, sendo constituído. E aqui aparece um ponto-chave. Para haver devir, é necessário que as relações não sejam todas já existentes, *a priori*. Precisa haver possibilidade de novas relações e interações acontecerem ou se desfazerem. Isso questiona a noção de que tudo já está relacionado e ponto, a qual a autora aponta ser fundamento de concepções estruturalistas.

É evidente que esse entendimento de espaço desafia as Cartografias, porque a autora está propondo o espaço como a coexistência de estórias-até-agora. Está falando de uma não finalização, de alterações constantes. Além disso, está abordando a multiplicidade. A Cartografia hegemônica opera na via contrária, visando a representação de um espaço-superfície, homogêneo, finalizado nas convenções cartográficas.

Ao encaminhar as discussões sobre a multiplicidade de formas de pensar Cartografia, Lopes, Costa e Maia (2021) argumentam que quando se pensa em um mapa, muitas vezes, se discorre sobre os territórios historicamente construídos e situados, e que são separados por linhas reais, imaginárias e oficiais dos e nos mapas. Porém, no cotidiano a vida ocorre de forma distinta. O limite do mapa oficial, não corresponde ao limite da existência no lugar (Savian, 2025b).

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

Lopes, Costa e Maia (2021, p. 1688) exemplificam que isso pode ser contextualizado com o Território da *Ilex Paraguariensis* (nome científico da erva-mate), que força a sentir os valores de um espaço marcado por outras estéticas de viver, seja na alimentação, na música ou na cultura. Desse debate, emergem questões como qual Cartografia dialoga e registra essas variadas diferenças notadamente presentes no existir, mas que subvertem o hegemônico? Os autores apontam, ainda, que é fundamental refletir sobre “[...] quais vidas estão registradas nas Cartografias que circulam entre nós, entre as crianças, entre jovens, adultos e pessoas de maior idade? Em nossos diversos segmentos sociais, que vozes anunciam ou silenciam?”.

Nossa compreensão é de que a inquietude do mundo se dá nas vivências humanas e suas Geografias. Falamos de um espaço como instância ativa de nosso ser e estar no mundo, constituído nos entrelaçamentos de nossas vivências contextualizadas socialmente e em nossas singularidades em processo, espaço esse aberto às múltiplas possibilidades de ser humano, como manifestação plena de nossa experiência. [...] Reconhecemos na Cartografia a linguagem privilegiada das enunciações dos processos geográficos (Lopes; Costa; Maia, 2021, p. 1690).

Neste sentido, a Cartografia pode ser compreendida como uma forma de enunciação do viver, pois, não se limita a representar tecnicamente o espaço, mas expressa experiências, memórias e relações sociais em constante transformação. Lopes, Costa e Maia (2021) apontam que, assim como a poesia de Adélia Prado anuncia a certeza da existência do lugar, os mapas também são atravessados por vozes e sentidos plurais que revelam modos de ser e habitar o mundo. Entretanto, o exercício de poder que acompanha a produção cartográfica busca impor narrativas únicas, silenciando diferenças e desconsiderando a riqueza das vivências humanas, que incluem sons, cheiros, oralidades e afetos.

Ler e produzir mapas, portanto, é reconhecer que eles são acontecimentos discursivos, sempre abertos à diversidade e à multiplicidade da vida (Lopes; Costa; Maia, 2021; Santiago; Infantino; Lopes, 2025). Essas relevantes transições, que habitam a Cartografia Crítica e a incorporação das vivências nas (carto)grafias do cotidiano, pressupõem outros olhares para os mapeamentos e as representações cartográficas, em geral.

O entendimento de espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade dialoga com outras possibilidades cartográficas. Ao se aproximar de teorias feministas e pós-coloniais, Massey (2008) reconhece que não existe uma história única e universal. Fazendo isso, ela questiona a narrativa ocidental - branca e masculina -, que posicionou as diferentes trajetórias em uma linha do tempo homogênea. Como exemplo disso, a autora remonta à noção de que certos países seriam “atrasados”, mas que, com o tempo,

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

alcançariam o estágio dos países chamados “avançados”, como se compartilhassem de uma mesma trajetória histórica (Massey, 2017). Reconhecendo essa problemática, ela defende que a história do mundo não pode ser contada, nem a Geografia constituída, apenas a partir do Ocidente ou do hegemônico. A mesma perspectiva pode ser expandida para a Cartografia. Que narrativa os mapas que estão nas escolas e nas discussões geográficas reforçam?

Práticas que nos mobilizam à reflexão

A partir do lugar que estamos, no contexto das atividades desenvolvidas no Laboratório de Ensino e Pesquisas em Geografia e Humanidades, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), passamos a nos questionar sobre como a Cartografia vem sendo produzida na Geografia. Essa reflexão foi mobilizada pelo contato com diferentes produções cartográficas, elaboradas por distintos grupos e pessoas. Além disso, deram origem a experimentações cartográficas.

Assim, apresentamos aqui três mapeamentos que “viraram a chave” e nos impulsionam ao questionamento de dentro. Posteriormente, apresentamos um mapa-arte que produzimos coletivamente, por meio de colagens, na disciplina de *Cartografias Criativas e dinâmicas territoriais* (GCC974), do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) da UFSM. O objetivo vai além de apenas descrever esses mapeamentos, mas envolve também mobilizar uma reflexão sobre a ação de mapear e a Geografia nesse contexto. Dessa forma, em cada tópico, diferentes autores(as) que refletem sobre as Cartografias são articulados(as), constituindo quatro quadros de questionamentos compartilhados.

Adotou-se a definição de quadros com inspiração nos debates apresentados por Gomes (2017, p. 13), no livro “Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar”. O autor afirma que a Geografia “[...] é uma forma de pensar”. Essa forma de pensamento, segundo o autor, tem potencialidade de ser original e instigante, pois pode possibilitar compreender as relações entre os diversos atores e objetos que constroem o espaço geográfico. Assim, como ele aponta em seu debate, ler o mundo requer a capacidade de “[...] transferir todo esse sistema de notação para outro suporte [...], no qual se trilhará um caminho guiado por esse ‘mapa’” (Gomes, 2017, p. 99). Em outras palavras, ler o mundo demanda pensar geograficamente esse mundo, de forma a apreender as nuances que conformam um quadro geográfico e traduzi-lo para o campo do saber geográfico.

Além disso, para Massey (2017), pensar geograficamente também implica em questionar a própria Geografia. Assim, os mapas apresentados a seguir, e as reflexões que

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

impulsionam, compõem Quadros geográficos que levam ao olhar o mundo pelo viés geográfico. Esse olhar geográfico não necessariamente é formal ou acadêmico, mas é sobretudo dotado de espacialidades e de articulações entre os atores espaciais.

Quadro 1: Arpilleras do Movimento Mulheres Atingidas por barragens

O primeiro mapeamento abordado é uma Arpilla. A Arpilla é uma técnica têxtil que mistura bordado, costura e colagem de tecidos e teve sua origem no Chile. A técnica nasceu na periferia de Isla Negra, no litoral Chileno, e tem como referência de sua popularização Violeta Parra, artista plástica e cantora chilena, que as definia como “canções que se pintam” (Pereira, 2022). A produção de Arpilleras foi iniciada durante a ditadura chilena de Augusto Pinochet e produzida por mulheres denunciando os desaparecimentos. Por meio dessa técnica, eram compartilhadas denúncias e era buscado uma forma de sustento.

No Brasil, essa técnica vem sendo mobilizada pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e, mais especificamente, pelo Coletivo de Mulheres do MAB (MAB, 2021). Há oficinas de produção de Arpilleras e as mulheres organizadas do MAB tomam conhecimento da história dessa técnica têxtil e produzem peças de forma coletiva (Pereira, 2022). Nessas peças, narram as problemáticas enfrentadas pelas comunidades atingidas pelas barragens, não só com os rompimentos, mas atingidas pelo próprio convívio com as barragens, o que já apresenta desafios e problemáticas.

A seguir, apresentamos uma Arpilla (Figura 1), que compõe o acervo virtual das Arpilleras do Movimento dos Atingidos por Barragens. É uma obra que remete ao rompimento da barragem de Brumadinho e, por isso, tem como título “25 de janeiro”, data do rompimento da barragem, em 2019. A peça retrata o crime socioambiental da Vale S. A. e evidencia a dor da comunidade que teve 272 vítimas. A Arpilla retrata a busca por corpos, além de animais e veículos soterrados. Também denuncia a negligência que existe com relação à segurança das barragens. A logomarca da Vale aparece com gotas de sangue e a descrição da obra no *site* remete ao fato de que a empresa segue lucrando após o rompimento da barragem.

As mulheres atingidas por barragens bordam suas experiências: seus territórios invadidos, suas perdas, seus receios, resistências e cotidianos. Esses bordados expressam espacialidades a partir da memória. Percebemos essas Arpilleras também como testemunhos (Pereira, 2022) que expressam histórias difíceis de contar. Essas narrativas costuradas revelam, em cada ponto, a força de quem transforma dor em memória e memória em luta.

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

Figura 1 - Arpilera 25 de janeiro



Fonte: Movimento dos Atingidos por Barragens (2019).

11

É evidente que essa prática não é vista como produção cartográfica aos moldes da Cartografia hegemônica e convencional, mas expõe espaços de vivências que muitas vezes são invisibilizados pelos mapas oficiais. Nessas obras têxteis, o ato de mapear se expressa em gesto de reconstrução simbólica do território. Além disso, o espaço não é representado por coordenadas exatas, mas por vivências cotidianas.

Ao misturarem bordado, costura e colagem, há a construção de um mapa a partir das experiências, e o espaço não é definido por linhas ou escalas, mas por sentimentos, memórias e trajetórias. O ato de bordar, nesse caso, se torna uma forma de mapear as vivências e as complexas relações que as pessoas têm com os espaços que fazem parte de seus cotidianos. As Arpillerás apresentam as visões das mulheres que bordam sobre o espaço em que vivem, revelando uma outra forma de expressão espacial, proposta de forma engajada.

Olhar para essas obras a partir da Cartografia e da Geografia pode contribuir significativamente para ampliar o escopo do que consideramos como prática de mapeamento dentro da Geografia. Essa ampliação vai de encontro com o que propõe a Cartografia Crítica e a desconstrução da Cartografia, proposta por Brian Harley, porque reconhece o caráter narrativo e expressivo dos mapas. Se as Arpillerás expressam espacialidades a partir da memória, por que não poderiam ser interpretadas como mapeamentos ou produções cartográficas?

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

Dentro do campo da Cartografia Crítica, comprehende-se que mapear é também apresentar narrativas sobre o espaço: contar uma história a partir de um lugar social e político. Ao nos aproximarmos de narrativas espaciais como essas, é possível incorporá-las no nosso “[...] acervo de ideias e possibilidades” (Girardi, 2021, p. 78). Além disso, incorporar essas produções no debate cartográfico dentro da Geografia não envolve apenas reconhecer sua existência, mas também (re)pensar os limites disciplinares da Cartografia no contexto da Geografia.

Quadro 2: Iconoclastas - Mapa-Múndi, 2019

O segundo mapeamento mobilizado e mobilizante foi construído por mediação dos Iconoclastas, uma dupla de artistas visuais argentinos, Júlia Risler e Pablo Ares. As intervenções surgem a partir de 2006, em Buenos Aires, e vêm produzindo diversos mapeamentos críticos e participativos em diferentes lugares do mundo e em parceria com pesquisadores, comunidades e outros artistas. É uma produção fora do contexto da Geografia Acadêmica que mobiliza a Cartografia e o mapeamento para produzir, a partir de grafias, denúncias e narrar o espaço por meio de outras perspectivas.

O mapa que escolhemos trazer para o texto é um mapa-múndi (Figura 2), que apresenta informações sobre o trabalho de mulheres rurais e camponesas no mundo, essas que são responsáveis pela produção de 70% dos alimentos que consumimos, mas que apenas 13% possuem a propriedade da terra. O mapa articula imagens, signos e textos que apontam conflitos socioambientais, resistências territoriais, dinâmicas políticas e formas alternativas de organização social.

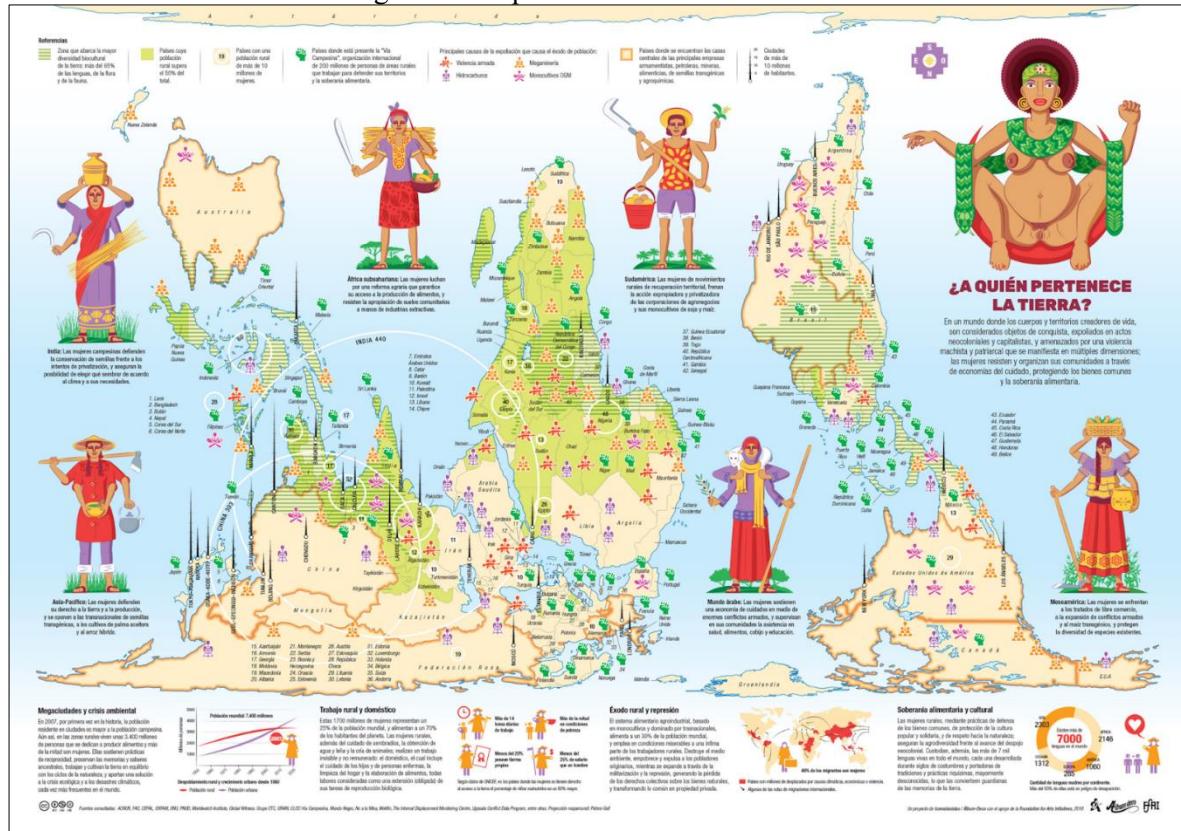
A proposta do mapa envolve mostrar algumas práticas e saberes que sustentam a economia e são desenvolvidas por mulheres. Como forma de instigar reflexões, é utilizada a projeção de Gall-Peters, com os polos “invertidos” (Figura 2). Essa é uma representação que busca conservar as áreas dos continentes e países, diferentemente da projeção de Mercator, que privilegia os países próximos aos polos.

O coletivo produz formas de abordar a interpretação da realidade por meio da memória e da invisibilidade, realizando processos de construções de mapeamentos a partir do encontro (Silveira, 2021). Silveira (2021) analisa algumas produções da dupla e conclui que os Iconoclastas estabelecem um diálogo permanente com a memória coletiva e a ocupação do espaço público. Ao fazerem isso, se aproximam da produção de uma Cartografia que expressa o espaço como relação (Massey, 2008).

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

Figura 2 - Mapa-Múndi dos Iconoclasistas



Fonte: Iconoclasistas (2019).

De acordo com Arredondo (2023), a visibilidade cartográfica promovida pelos Iconoclasistas permite que sejam incorporados em mapas pontos de vidas diferentes sobre fenômenos. Esses são dinâmicos e estão em constante atualização, envolvendo diferentes saberes e experiências. Além disso, a prática da dupla perturba o relato linear das experiências cartográficas.

Os mapas coletivos produzidos com a mediação dos Iconoclasistas narram o espaço por meio de um ponto de vista não hegemônico, diferente da narrativa de um mundo que tem apenas uma história linear. Essa prática se aproxima das proposições de Massey (2004, 2008, 2017), visto que a autora concebe espaço e lugar como constituídos por uma multiplicidade de outros diferentes. Além disso, Massey defende que a história do mundo não pode ser contada como a história única da figura do homem branco e heterossexual (Massey, 2008, p. 31):

[...] a estória do mundo não pode ser contada (nem sua Geografia elaborada) como a estória apenas do "ocidente", ou a estória, por exemplo, daquela figura clássica (irônica e frequentemente, ela própria essencializada) do macho branco, heterossexual e que essas eram estórias particulares, entre muitas outras.

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

Esse movimento está claramente sendo realizado no mapa-múndi apresentado anteriormente (Figura 2). Isso é evidenciado pelos dados apresentados, as figuras femininas e o mapa “invertido”, além das informações escritas, tais como:

[...] en un mundo donde los cuerpos y territorios creadores de vida, son considerados objetos de conquista, espoliados en actos neocoloniales y capitalistas y amenazados por una violencia machista y patriarcal que se manifiesta en múltiples dimensiones; las mujeres resisten y organizan sus comunidades a través de economías del cuidado, protegiendo los bienes comunes y la soberanía alimentaria⁴.

De acordo com Massey (2017), precisamos de uma imaginação de espaço que considere as geometrias de poder que constroem o mundo em suas desigualdades. Ao falar sobre a imaginação geográfica, a autora coloca que “[...] nós carregamos consigo imagens mentais do mundo” (Massey, 2017, p. 2). Essas imagens mentais configuram a forma como compreendemos o mundo.

Em Savian (2025a), isso é discutido partindo do exemplo do mapa-múndi “invertido”, lançado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o Brasil no centro do mapa (G1, 2025; Poder 360, 2025). Os mapas foram muito questionados na internet, porque apresentam uma organização diferente do “mapa-múndi mental” das pessoas, aquele com a Europa no centro e com a projeção de Mercator. Comentários de que o mapa com o Brasil no centro estaria “errado” foram frequentes, o que mostra que a configuração de espaço mundial mais difundida, com a Europa no centro, moldou a imaginação geográfica.

Refletir sobre isso e questionar envolve o “pensar geograficamente”. Acreditamos que o mapa-múndi dos Iconoclastas nos convida a esse movimento ao optar pela projeção “invertida” e a projeção de Peters. Essa opção já evidencia um movimento, mesmo que sutil, de questionamento, além de que chama atenção para como as imagens, geradas também a partir das relações de poder, constituem nossa forma de ver o mundo.

Quadro 3: Mapas de crianças para comunicar ao mundo: cotidianos e infâncias

Os mapas apresentados nesta exemplificação, tem origem no *Concurso Internacional “Barbara Petchenik”* é uma iniciativa bienal, criada em 1993, pela Associação Cartográfica Internacional (ICA, 2025), em homenagem à cartógrafa e ex-vice-presidente da entidade,

⁴ “Em um mundo onde os corpos e territórios criadores de vida são considerados objetos de conquista, espoliados em atos neocoloniais e capitalistas e ameaçados por uma violência machista e patriarcal que se manifesta em múltiplas dimensões; as mulheres resistem e organizam suas comunidades através de economias do cuidado, protegendo os bens comuns e a soberania alimentar” (tradução nossa).

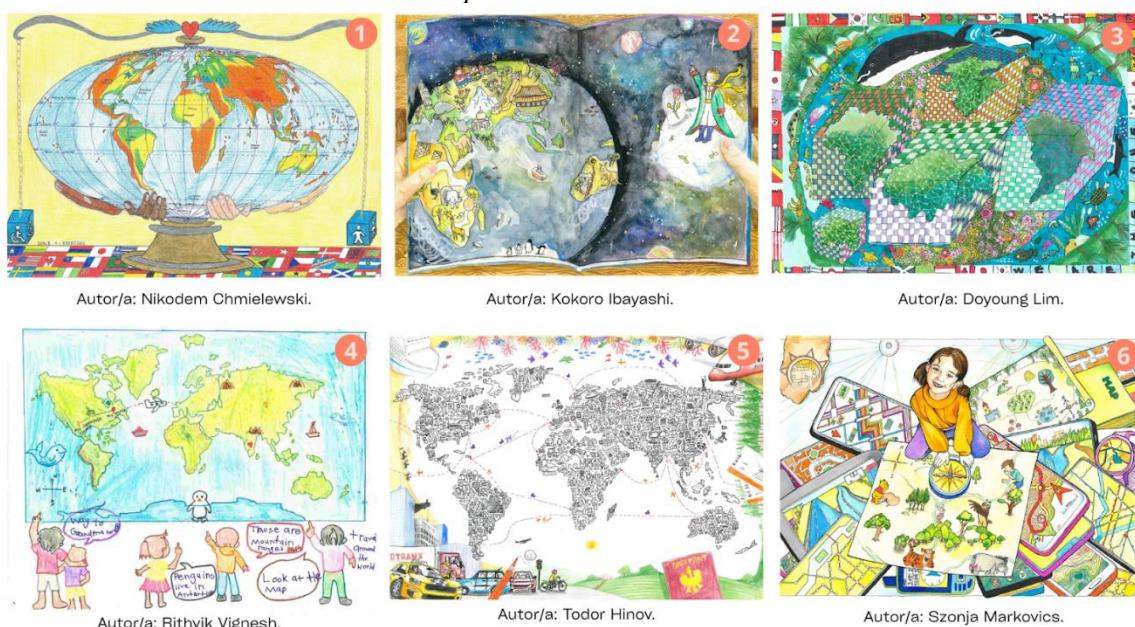
Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

Barbara Petchenik, que sempre se interessou por mapas produzidos por crianças. “*The competition is organized every two years. In a national round in all participating ICA member countries, the national winners are selected, which are exhibited during the International Cartographic Conference, where the international winners are selected*” (ICA, 2025)⁵.

O objetivo do Concurso é estimular a representação criativa do mundo por meio de desenhos cartográficos feitos por jovens de até 15 anos. Em 2025, durante a 32ª Conferência Cartográfica Internacional, realizada em Vancouver, Canadá, foram anunciados os vencedores da edição de 2025, com tema “Mapas na vida cotidiana”. O concurso reuniu 180 trabalhos de 34 países-membros da ACI, revelando a diversidade de percepções infantis sobre a relação entre mapas e o cotidiano (ICA, 2025). Ressaltamos que esses não são os únicos mapas vencedores do Concurso em 2025 (Figura 3). Porém, optamos em escolher apenas alguns exemplos para o debate.

Figura 3 - Exemplo de mapas vencedores do Concurso “Barbara Petchenik” 2025, com o tema “Mapas na Vida Cotidiana”



Fonte: International Cartographic Association (2025).

Na Figura 3, estão reunidos alguns dos mapas premiados do Concurso Internacional *Barbara Petchenik* 2025, cada um trazendo uma forma singular de imaginar o mundo e a relação das pessoas com ele. Outros mapas vencedores do Concurso podem ser acessados na página do Instagram do Centro Argentino de Cartografia (@centrodecartografia). No primeiro

⁵ “A competição é organizada a cada dois anos. Em uma etapa nacional, em todos os países membros participantes da ICA, são selecionados os vencedores nacionais, que são exibidos durante a Conferência Cartográfica Internacional, onde são escolhidos os vencedores internacionais” (tradução nossa).

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

(Figura 3.1), criado por Nikodem Chmielewsk (2025), à Terra aparece representada como um grande globo sustentado por um pedestal, cercado de bandeiras, em que o coração no topo transmite esperança por um futuro melhor. O mapa também remete a uma balança que equilibra pessoas típicas e atípicas e traz as mãos de pessoas negras e brancas sustentando o mundo. O discurso remete, portanto, à necessidade de equidade entre os povos do mundo que formam o *pano de fundo* na base da representação.

Já a obra de Kokoro Ibayashi (2025), (Figura 3.2), mergulha numa atmosfera poética, mostrando o planeta a partir de uma visão cósmica, em que figuras humanas da obra “O Pequeno Príncipe”, se aproximam da Terra com delicadeza, como se a contemplassem de longe e a carregassem em sua intimidade. O *Pequeno Príncipe*, escrito por Antoine de Saint-Exupéry, traz reflexões sobre as experiências do personagem em diferentes planetas, onde conheceu personagens que representam tipos humanos, como o rei autoritário, o vaidoso, o bêbado, o homem de negócios e o geógrafo. Em sua jornada, ele viaja por diferentes mundos, conhecendo pessoas e construindo relações. Para Silva (2023), a Geografia se manifesta, nesse clássico livro, “[...] como elo entre as possibilidades e o já conhecido, isto é, entre aquilo que já foi cativado e o que pode ser cativado” (Silva, 2023, p. 234). A narrativa, poética, simbólica e geográfica, fala sobre as diferentes possibilidades, sobre imaginação e a importância das coisas invisíveis aos olhos.

O desenho de Doyoung Lim (2025), (Figura 3.3) traz uma composição vibrante e detalhada, com o planeta formado por padrões geométricos coloridos, criando a ideia de diversidade e conexão, como se cada pedaço fosse um mosaico que, junto, compõem um todo harmônico. Os animais em torno do globo remetem a uma releitura complexa de mapas clássicos e presentes em uma Cartografia histórica, em que o mundo era explicado pelo imaginário dos seres míticos que habitam o desconhecido e os oceanos. Em um viés pré-científico, essas Cartografias expressavam o cotidiano, o imaginário, os fenômenos e a realidade conhecida da época.

Em outro trabalho do Concurso de 2025, Rithvik Vignesh (Figura 3.4) apresenta um mapa-múndi mais lúdico, no qual crianças observam o planeta e interagem com ele, expressando curiosidade e encantamento, como se aprender a olhar para o mundo fosse também uma forma de diálogo. Entre os desenhos apresentados, este é o que mais se aproxima de um mapa mais convencional, cujo Norte está “para cima” e as convenções estão presentes. Todavia, remonta ao olhar infantil e suas interações com o mundo.

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

O mapa de Todor Hinov (2025, Figura 3.5), por sua vez, chama atenção pelo uso marcante do preto e branco, com contornos precisos do globo e trajetórias que cruzam os continentes. As redes, os fluxos, os mosaicos do que poderíamos chamar de *fixos identitários* remetem a reconhecimento da diversidade do planeta e das interconexões entre os elementos que o compõem. Ele sugere o dinamismo da vida cotidiana, das viagens, dos encontros e dos desencontros, ao mesmo tempo em que pequenos detalhes coloridos irrompem como pontos de vida. Nesse, é possível ver que há a vida cotidiana do capital e dos espaços luminosos e a vida cotidiana da relação com o lugar, onde os processos e os sentimentos se consolidam e ultrapassam a lógica do sistema global.

O trabalho de Szonja Markovics (2025, Figura 3.6), coloca uma criança no centro da cena, observando diferentes mapas espalhados ao seu redor. Essa imagem remete à multiplicidade de Cartografias existentes e relaciona-se diretamente com esse trabalho. Emerge a necessidade de olhar para as outras Cartografias e os outros mapeamentos, com a curiosidade de uma criança.

Os mapas contra-hegemônicos ou mesmo aqueles que sutilemente buscam subverter o olhar e trazer à tona o estranhamento e a reflexão, como os mapas das crianças vencedoras do Concurso, conduzem a compreensão de que nas Geografias e nas Cartografias das vidas cotidianas há muitos delineamentos possíveis para expressar e enunciar o vivenciado, como abordam Costa, Lopes e Maia (2021). O sorriso da personagem de Markovics (2025) revela alegria e curiosidade sobre os mapas, enquanto o espaço em torno dela se transforma em convite para explorar o mundo por meio dos mapeamentos em suas múltiplas dimensões. Questiona-se: estamos nós, geógrafas(os), prontos para (re)descobrirmos o espaço pelas Cartografias Outras ou permaneceremos “mortos” e apáticos considerando apenas as Cartografias hegemônicas, técnicas e convencionais (Wood, 2003)?

Quadro 4: A Cartografia está MORTA? Em que espaços cotidianos vivemos?

O mapa apresentado, neste quadro, tem autoria de seis pós-graduandas e um pós-graduando matriculados na disciplina de Cartografias Criativas e Dinâmicas Territoriais, anteriormente mencionada. Esse mapeamento emerge de inspirações dos textos de Franco (2019), quando a autora debate como a arte nos permite subverter a espacialidade e produzir pensamentos que extrapolam o convencional. Ou seja, que são capazes de representar o cotidiano e as emoções presentes no espaço, manifestando-se de acordo com as interpretações e atravessamentos nas vivências de cada sujeito. Este mapa permite a subjetivação do espaço

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

representado, trazendo à margem os entendimentos mais sutis e profundos das leituras do cotidiano de cada um(a).

O mapa produzido também intertextualiza com o texto de Wood (2003), *Cartography is Dead (Thank God!)*. No texto, o autor aponta que, concomitantemente, com a detenção da Cartografia pela “feitura” dos mapas metodologicamente imobilizados, alguns cartógrafos (artistas, coletivos, ativistas, crianças e geógrafos) manifestaram satisfação em não prender a sua atividade às exigências de mapear que eram (e ainda são) universais. A crítica de Wood (2023) reforça a necessidade de reconhecer que essa padronização dos mapas está matando a própria Cartografia.

Mais de 20 anos após sua argumentação, percebe-se, cotidianamente, que a automatização dos processos, mediante a programação de scripts padronizados ou a utilização expressiva e a mecânica dos *map* biomas da vida, torna a Cartografia cada vez mais coisa de “máquina” e tiram a interpretação e a validade dos discursos imbricados no processo. Tais ferramentas e estratégias, mesmo que relevantes para determinados fins, têm sido utilizadas como “mantra geográfico” e sido reproduzidas sem qualquer reflexão ou interpretação das implicações do seu uso. Ao utilizá-las, estaríamos tornando o espaço neutro e matematizável? Certamente, considerando a multiplicidade de relações e de sujeitos, não!

Os questionamentos fazem pensar sobre como o discurso cartográfico e o mapa como dispositivo (Lois, 2019) deixam de ser questionados e compreendidos e passam a evidenciar o utilitarismo de uma Cartografia de cliques ou, como colocaria Girardi (2021), uma Cartografia de Sistema de Informação Geográfica (SIG), que não expressa a geograficidade dos fenômenos. Essa Cartografia descontextualizada das relações tecidas na materialidade do espaço traz à tona a morte iminente da Cartografia. Por outro lado, Wood (2003) já apontava que os mapeamentos resistem! Mapear é anterior às convenções e diretrizes cartográficas. As pinturas rupestres que falem! Portanto, os tantos sujeitos que produzem representações das suas espacialidades mantêm o mapa vivo e o mapeamento pulsante. Que essas reflexões tragam ou ajudem a trazer esses mapeamentos e tantos outros mapas de volta para a Cartografia na Geografia!

O mapa produzido coletivamente, apresentado nas Figuras 4 e 5, foi construído no contexto de discussões sobre produção de Cartografias que perturbem, no sentido de causarem questionamentos sobre a própria produção cartográfica na Geografia. O objetivo estabelecido pelas(os) próprias(os) alunas(os) ao construir esse mapa foi o de expressar relações estabelecidas no contexto da pós-graduação, ao mesmo tempo que críticas a esse mesmo contexto. Assim, uma complexidade de relações e significados atribuídos ao espaço revelam a

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

constituição desse pela multiplicidade de trajetórias. É isso que o mapa apresentado nas Figuras 4 e 5 vai mostrar: relações de afeto e desafetos, conflitos e reflexões sobre o espaço da pós-graduação vivido por essas alunas(os).

Figura 4 - Mapa vivencial produzido por mestrandas(os) e doutorandas matriculados na disciplina Cartografias Criativas e Dinâmicas Territoriais: abordagens alternativas e multiletradas para o Cone Sul (GCC974)



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2025). Elaborado por: Autoras e pós-graduandas(o) Amanda Rech, Beatriz França, Bruno Sioqueta, Edwiges Campos, Francis Silveira, Jhennifer Habowski e Sandy Goelzer (2025).

Figura 5 - Detalhes do mapa vivencial



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2025. Elaborado por: Autoras e pós-graduandas(o) Amanda Rech, Beatriz França, Bruno Sioqueta, Edwiges Campos, Francis Silveira, Jhennifer Habowski e Sandy Goelzer (2025).

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

Ao mesmo tempo que aspectos teóricos vão ser mobilizados na composição do mapa, como reflexões sobre a morte da Cartografia, também aparecem aspectos do cotidiano e reflexões sobre que pós-graduação estamos construindo no Brasil. São expostas críticas ao cenário de foco na produtividade, evidenciando métricas desarticuladas da real produção científica (ciência e com propósito social), além de que a nota da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aparece como meta e não como parâmetro de avaliação e mesmo a constante busca por validação acadêmica emerge no mapeamento (“quando chegamos na régua, eles a elevam mais” - fala de um mapeador). Essas inserções de informação carregam vivências que são do espaço da pós-graduação. Um mapa com ênfase na comunicação de um tema específico ou produzido pela instituição para apresentar seus resultados “positivos” poderia expor essas questões que são relacionais e que eram o objetivo do mapeamento? No mapa técnico, não são apresentadas essas questões, assim como elas não compõem um relatório de pós-graduação, por exemplo.

Além disso, no mapa são utilizados mecanismos de intertextualidade com a Literatura para tratar dos temas comentados, com frases como “[...] ou muito me engano, ou escrevi um capítulo inútil” (Assis, 2010, p. 281). Ou, ainda: “O que é que você quer agora? Viver? Viver como? Viver como vive no tribunal quando o oficial de justiça proclama: “Está aberto o julgamento! [...]”? (Tolstói, 2023, p. 87). Essas frases foram mobilizadas para evidenciar os desafios de ser e estar na pós-graduação. A utilização da literatura de forma criativa no mapa mostra as possibilidades que são abertas quando falamos de Cartografias Criativas e Cartografias não-hegemônicas.

Oliveira e Guedes (2022) comentam que a pós-graduação brasileira, avaliada pela CAPES, mantém parâmetros e métricas meritocráticas na avaliação dos Programas de Pós-Graduação brasileiros. De acordo com os autores, questões como diversidade racial e democratização do acesso continuam ausentes das discussões avaliativas. Assim, mesmo com um discurso de pluralidades e diversidade, os cursos de mestrado e doutorado brasileiros continuam excludentes e seguem uma perspectiva de hierarquização. O mapa e as críticas apresentadas pelas(os) alunas(os) refletem essas observações que impactam significativamente o fazer pesquisa.

É evidente que esse é um assunto para muita reflexão e que exige um aprofundamento significativo que não cabe nesse texto. Porém, o que conseguimos mostrar é a potencialidade que mapas produzidos coletivamente e de caráter expressivo possuem para abordar diferentes aspectos relacionados aos espaços que ocupamos. Dessa forma, o exercício cartográfico se

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

configurou como subversão ou alternação, problematizando o próprio fazer científico e expondo os atravessamentos subjetivos e estruturais que compõem o espaço da pós-graduação.

O mapeamento buscou também subverter a necessidade de padronização bidimensional dos mapas, trazendo uma representação que mistura a bidimensionalidade com a tridimensionalidade. Na Figura 5, foto 3, é possível visualizar a representação da sala de aula onde ocorrem as primeiras aulas dos estudantes ingressantes da Graduação em Geografia, em três dimensões, a qual compõem o mapa. Esse posicionamento destaca o lugar e, de modo especial, reitera a sua relevância enquanto espaço de formação acadêmica de construção de vínculos com o espaço.

Ademais, as colagens com imagens impressas remetem às emoções, aos medos, as repulsas e as alegrias do espaço vivenciado no cotidiano. Elas narram os significados e as entrelinhas do habitar no Prédio 17, da Geografia, da UFSM. Essas (re)significações não estão presentes no mapa técnico e, muitas vezes, são omitidas e esvaziadas nas falas e debates cotidianos. O mapa, como arte e como subversão, possibilita significar os atravessamentos do cotidiano e emergir as demandas de quem constrói o espaço.

A disciplina de “*Cartografias Criativas e Dinâmicas Territoriais*”, onde esse mapeamento foi construído, apresenta-se enquanto uma forma de construir questionamentos de dentro. Mesmo dentro do espaço acadêmico brasileiro, Cartografias Outras ou Mapeamentos Outros vêm sendo mobilizados, mas temos a impressão que muito mais por outras áreas do que pela Geografia. As artes visuais (Ribas, 2025), a comunicação (Franco, 2019) e a antropologia, como mostra o trabalho de Girardi (2021), se destacam. Queremos colaborar com a ampliação dessas reflexões na Ciência Geográfica.

21

Considerações finais

A provocação de Wood (2003), sobre a morte da Cartografia, envolve reconhecer que mapear está difundido na contemporaneidade. Assim, faz parte das formas de expressão das relações que as pessoas estabelecem com os espaços que percorrem, ocupam ou desejam ocupar. O texto do autor é provocativo e tira geógrafas(os) e cartógrafas(os) da posição de detentores do conhecimento sobre o mapa.

Talvez a Cartografia moderna, atrelada às noções de neutralidade, fixidez e tão preocupada com representação de um espaço-superfície, esteja em xeque. Mas, o mapeamento, enquanto necessidade, está vivo e vem sendo apropriado por diferentes grupos para diferentes

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

funções, conforme mostramos. Nisso, fica evidente que o mapeamento contemporâneo pode romper com a ideia da neutralidade cartográfica.

Durante o texto, mobilizamos Quadros de reflexões que reforçam a compreensão do mapeamento como prática potente e popularizada. No Quadro 1, a principal argumentação é que representações espaciais, baseadas em vivências, expressam espacialidades. No caso específico das Arpilleras, somam-se o potencial denunciativo e memorialístico. Ao reconhecermos o caráter espacial das Arpilleras, ampliamos o escopo do que consideramos prática de mapeamento dentro da Geografia.

No Quadro 2, ao prestarmos atenção no mapa-múndi dos Iconoclasta, destacam-se como os mapas têm a capacidade de subverter as narrativas hegemônicas e apresentar outras visões de mundo. Nesse caso, inclusive escolhas técnicas, como a projeção cartográfica utilizada, faz parte da expressão de um questionamento. Além disso, o próprio mapa pode ser usado para tensionar epistemologias e abrir “espaço” para repensar a Cartografia e a Geografia.

Posteriormente, no Quadro 3, ao recorrermos a mapeamentos infantis, a imaginação ganha a cena. As produções de crianças nos conduzem à compreensão de que há muita Geografia nas representações a partir da infância. Além disso, há diversas possibilidades para expressar as experiências vividas por meio de uma narrativa espacial. Nesses trabalhos, o caráter expressivo das representações espaciais é extremamente evidente.

Por fim, no Quadro 4, apresentamos uma prática que foi desenvolvida com a nossa participação e que articula essas reflexões, constituindo-se enquanto uma ação de dentro da Geografia. É um mapa vivencial coletivo que prioriza a representação de vivências cotidianas e suas significações individuais de estudantes da pós-graduação em Geografia, da UFSM. Esse Quadro de reflexões envolve as mobilizações, tentativas e experimentações de levar esses questionamentos para a Geografia Acadêmica, posição que tomamos para reconhecer essas outras Cartografias enquanto desconfortantes, mas em um nível necessário, que impulsiona o questionamento de dentro.

Para abordar possíveis práticas futuras, considera-se o aprofundamento da utilização de outras linguagens em consonância com a da Cartografia na pesquisa geográfica. É possível idealizar construções de mapeamentos participativos documentados por meio de registros fotográficos e vídeos, realizando uma aproximação com as artes visuais, por exemplo. De acordo com Franco (2019), enquanto a Cartografia, em determinado período, buscava a neutralidade, as artes já vinham com o caráter de criticar e subverter essa busca. Daí a

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

possibilidade de uma aproximação com as artes para retomar, na Cartografia, essa perspectiva crítica.

O texto mostrou que diferentes grupos produzem mapeamentos, desde coletivos, crianças, artistas e acadêmicos. Nesse cenário, mapas ultrapassam a “caixa” da Cartografia hegemônica e as expressões sociais, políticas, memorialísticas e vivenciais estão sendo construídas, principalmente fora da Geografia. Reconhecer esses mapeamentos é abrir a Geografia e a Cartografia para a pluralidade, legitimando expressões que tensionam narrativas hegemônicas e ampliam a compreensão do espaço.

Por fim, concluímos que as Geografias presentes no cotidiano, representadas nos quadros, trazem à tona a ideia de há mais para ser abordado e visto que em um mapeamento do que os *shapefiles* conseguem transpor. Dessa forma, as Cartografias Outras, trazem ênfase aos olhares subalternizados pela Cartografia hegemônica e permitem pensar sobre e com o espaço. Obviamente, não significa que defendamos a necessidade de escolher ou hierarquizar uma ou outra Cartografia, mas evidenciamos a urgência em reconhecer suas diferentes funções e valorizar as formas de representar como formas de pensar geograficamente o mundo.

23

Referências

ARREDONDO, Cecilia Castaneda. Iconoclastas y el pequeño gesto político del mapeo colectivo. In: SERRANO, Luis Ernesto; VEGA, César Córtez; MELÉNDEZ, Eréndira (org.). *Ciudades, dispositivos y mapas*. Ciudad de México: Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura / Centro Nacional de Investigación, Documentación e Información de Artes Plásticas, 2023.

BROWN, Kevin James. *O nascimento da cartografia: da Roma antiga à era dos descobrimentos*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018a.

BROWN, Kevin James. *A descoberta da América no mapa: a idade de ouro holandesa no século XVII*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018b.

BROWN, Kevin James. *Os franceses enriquecem os mapas: a cartografia francesa em seu apogeu no século XVIII*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018c.

BROWN, Kevin James. *O mundo visto do oriente: China, Japão e Coreia: a evolução em isolamento e o contato com os europeus*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018d.

BROWN, Kevin James. *A cartografia e novas ciências da terra: teorias e descobertas representadas nos mapas*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018e.

BROWN, Kevin James. *Os mapas como armas políticas: distorções geográficas e apelo ao idealismo nacionalista*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018f.

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

BROWN, Kevin James. *Os mapas dos viajantes e aventureiros: a expansão da cartografia global no século XIX*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018g.

BROWN, Kevin James. *Mapas dos mundos imaginários: o irresistível impulso de retratar realidades alternativas*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018h.

BROWN, Kevin James. *Os mapas do colonialismo: os europeus registram suas conquistas ao redor do mundo*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018i.

BROWN, Kevin James. *A América do Sul e o Brasil no mapa: a cartografia no rastro dos exploradores ibéricos*. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018j.

CANTO, Tânia Seneme do. *Práticas de mapeamento com as tecnologias digitais: para pensar a educação cartográfica na contemporaneidade*. 2014. 116 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.

SILVA, Felipe Kevin Ramos da. Geografia e existência na obra O Pequeno Príncipe. *Revista Geonorte*, Manaus, v. 14, n. 44, p. 216-237, jul., 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21170/geonorte.2023.V.14.N.44.216.237>. Acesso em: 25 set. 2025.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: FTD, 2010 [1881].

FRANCO, Juliana Rocha. *Cartografias criativas: da razão cartográfica às mídias móveis*. Curitiba: Appris, 2019.

24

FOUCAULT, Michel. Outros espaços (conferência). In: MOTTA, Manoel Barros da (ed.). *Ditos e escritos III - estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

G1 - Economia. IBGE lança mapa-múndi com Brasil no centro; objetivo é ‘ressaltar liderança’ em fóruns internacionais, diz presidente. São Paulo, 8 maio 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/05/08/ibge-lanca-mapa-mundi-com-brasil-no-centro-objetivo-e-ressaltar-lideranca-em-foruns-internacionais-diz-presidente.ghtml>. Acesso em: 24 nov. 2025.

GOMES, Paulo César da Costa. *Quadros geográficos. Uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GIRARDI, Gisele. *Cartografia geográfica: considerações críticas e proposta para ressignificação de práticas cartográficas na formação do profissional em geografia*. 2003. 193 p. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

GIRARDI, Gisele. Funções de mapas e espacialidade: elementos para modificação da cultura cartográfica na formação em geografia. *Revista Brasileira de Cartografia*, Rio de Janeiro, v. 66, n. 4, p. 861-876, ago., 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/rbcv66n4-44687>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

GIRARDI, Gisele. Cartografias sociais em diferentes contextos de aprendizagem. *Geographia Meridionalis*, Pelotas, v. 6, n. 1, p. 66-84, nov., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/gm.v6i1.20802>. Acesso em: 12 nov. 2025.

GIRARDI, Gisele. [Fórum de Ensino, Geografia e Humanidades] *Cartografia alternativa e subversiva para pensar o espaço* [vídeo]. Canal: PPGGEO UFSM, 25 ago. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6VjKXA5Pq9E&t=2726s>. Acesso em: 12 nov. 2025.

HABOWSKI, Jhennifer Taís Vieira. *Geotecnologias aplicadas ao ensino de geografia: uma proposição didático-pedagógica para estudantes da educação básica no município de Nova Palma/RS*. 2024. 158 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2024.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. *GEOgraphia*, Niterói, v. 14, n. 28, p. 8-39, abr., 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2012.v14i28.a13641>. Acesso em: 20 maio 2024.

HARLEY, John Brian. Deconstructing the map. *Cartographica, [S. l.]*, v. 26, n. 2, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/E635-7827-1757-9T53>. Acesso em: 13 ago. 2024.

ICONOCLASISTAS. *República tóxica*, 2020. Disponível em: <https://iconoclasistas.net/portfolio-item/sudamerica-2020/>. Acesso em: 17 set. 2025.

25

ICONOCLASISTAS. *Mapamundi*, 2019. Disponível em: <https://iconoclasistas.net/portfolio-item/mapamundi-2019-esp-ing/>. Acesso em: 17 set. 2025.

INTERNATIONAL CARTOGRAPHIC ASSOCIATION (ICA). *Barbara Petchenik Children's World Map Drawing Competition*. 2025. Disponível em: <https://icaci.org/petchenik/>. Acesso em: 16 set. 2025.

LAUDARES, Sandro. *Geotecnologias ao alcance de todos*. Curitiba: Appris, 2014.

LOIS, Carla. El mapa como metáfora o la espacialización del pensamiento. *Terra Brasilis, [S. l.]*, n. 6, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1553>. Acesso em: 1 set. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo; MAIA, Diego Corrêa. Cartografia como enunciação do viver. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. 25, n. 5, p. 1686-1702, jan./dez., 2021.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. *GEOgraphia*, Niterói, v.19, n. 40, p. 36-40, maio/ago., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2017.v19i40.a13798>. Acesso em: 25 set. 2025.

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *GEOgraphia*, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2004.v6i12.a13477>. Acesso em: 9 set. 2025.

MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS (MAB). 25 de janeiro. Arpilera. [S.l.]: MAB, 2019. Disponível em: <https://mab.org.br/arpilleras-do-mab/25-de-janeiro>. Acesso em: 26 ago. 2025.

OLIVEIRA, Esdras Tavares de; GUEDES, Olegna de Souza. Multirank à brasileira: notas críticas acerca da avaliação multidimensional da Capes. *Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 9, n. 3, p. 192-205, jun., 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6589>. Acesso em: 16 dez. 2025.

PETSCH, Carina; BEN, Franciele Delevati; BATISTA, Natália Lampert. Como os mapas que “viralizam” nas redes sociais podem ser usados no ensino de geografia. A experiência em uma instituição de educação básica do município de Santa Maria no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Geografares*, Vitória, v. 5, n. 40, p. 1-22, jan./jun., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.47456/geo.v5i40.44127>. Acesso em: 25 set. 2025.

PEREIRA, Aline Alessandra Zimmer da Paz. Arpílleras e as práticas artísticas contra-hegemônicas. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE DA UNICAMP, 15., 2022, Campinas. *Anais [...]*. Campinas, 2022. p. 479-488.

PODER 360. IBGE publica mapa-múndi de ponta-cabeça e com Brasil no centro. Brasília, 8 maio 2025. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-governo/ibge-publica-mapa-mundi-de-ponta-cabeca-e-com-brasil-no-centro/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

RIBAS, Cristina Thorstenberg; SCHWEIZER, Paul. Hidrocartografia - modos de cartografar com as águas. *Revista ClimaCom*, Campinas, ano 12, n. 28, 2025. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/hidrocartografia/>. Acesso em: 16 set. 2025.

SALICHTCHEV, Konstantin Alekseyevich. Cartographic communication: a theoretical survey. In: TAYLOR, Fraser (ed.). Graphic communication and design in contemporary cartography. New York, John Wiley & Sons, 1983. p.11-36.

SANTIAGO, Flávio; INFANTINO, Agnese; LOPES, Jader Janer Moreira. Palavras que anunciam as vidas outras: quando diferentes territórios se encontram na educação infantil. *Educação*, Santa Maria, v. 50, p. 1-23, jan./dez., 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644490559>. Acesso em: 16 dez. 2025.

SAVIAN, Carla Pizzuti. *Cartografias* - desigualdades socioespaciais e cotidiano na cidade de São Borja/RS: a construção de um mapeamento participativo do bairro Passo. 2025. 144 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2025a.

SAVIAN, Carla Pizzuti. Cinema e mapa: reflexões sobre cartografias por meio do filme Bacurau. In: BATISTA, Natália Lampert; SAVIAN, Carla Pizzuti (org.). *Ensino e pesquisas em geografia e humanidades*. Blumenau: Casa de Hiram, 2025b. p. 41-51.

Que cartografias nós, geógrafas(os), estamos (re)produzindo?

Savian, Carla Pizzuti; Batista, Natália Lampert

SEEMANN, Jörn. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. *Geografares*, Vitória, v. 4, p. 49-60, jun., 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.7147/GEO4.1080>. Acesso em: 13 nov. 2025.

SILVEIRA, Marthina Borghetti Rosa da. *Cartografias entre arte, política e educação*: uma análise das produções e processos do coletivo Iconoclastas. 2021. 69 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Licenciatura em Artes Visuais, Departamento de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

TOLSTÓI, Liev. *A morte de Ivan Ilitch*. 2. ed. São Paulo: Principis, 2023 [1886].

WOOD, Denis. Cartography is dead (thank God!). *Cartographic Perspectives*, Milwaukee, n. 45, p. 4-7, jun., 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.14714/CP45.497>. Acesso em: 16 set. 2025.

Carla Pizzuti Savian

Graduada em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) e Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Endereço Profissional: Av. Roraima, 1000, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul.
CEP: 97105-900

E-mail: carla.pizzuti@acad.ufsm.br

27

Natália Lampert Batista

Graduada em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Franciscana (UFN), Mestra e Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora adjunta do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFSM.

Endereço Profissional: Av. Roraima, 1000, Bairro Camobi, Santa Maria, Rio Grande do Sul.
CEP: 97105-900

E-mail: natalia.batista@ufsm.br

Recebido para publicação em 29 de setembro de 2025.
Aprovado para publicação em 15 de novembro de 2025.

Publicado em 19 de dezembro de 2025.